

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

AS LEMBRANÇAS DE SI NA MEDIAÇÃO PELA IMAGEM

Fotografia, narrativa e subjetividade no Facebook

Jéssica de Souza Carneiro¹

Idilva Maria Pires Germano²

Resumo

O estudo da memória e da narrativa e de sua relação com a produção e o consumo de imagens mostra-se um caminho desafiador, sobretudo na contemporaneidade, quando tentamos compreender esses processos nos ambientes digitais. A fotografia opera nos processos de significação, isto é, nos significados que os sujeitos conferem a um dado acontecimento, no modo como eventos e pessoas são lembrados, contados e compreendidos. Em especial, a fotografia digital produzida para ser compartilhada online introduz um campo de problemas interessantes para investigação dos processos de memória e narração autobiográficas. Este estudo propõe analisar como as fotografias compartilhadas no Facebook atuam sobre a produção de memórias autobiográficas, com efeitos, portanto, sobre atuais formas de narração de si. Em outras palavras, procuramos entender como as novas formas digitais de produzir imagens (principalmente aquelas produzidas para serem compartilhadas) operam na forma como os usuários constroem suas lembranças do vivido, articulando as relações entre passado, presente e futuro a partir das imagens midiáticas. Além disso, investigamos como essas novas maneiras de “guardar” a memória atuam sobre a criação das atuais narrativas autobiográficas, isto é, as histórias que as pessoas contam sobre si mesmas. Esta pesquisa apoia-se nos estudos de memória, narrativa e novas mídias de Van Dijck, Brockmeier e Sibilia, e em Dubois e Samain no que se refere à natureza, ao funcionamento e à análise da fotografia. O estudo qualitativo consistiu em duas etapas: 1) aplicação do questionário semi-estruturado com temas sobre fotografia e memória; 2) codificação e análise das fotografias disponibilizadas para a pesquisa, selecionadas pelos respondentes. O convite à participação se deu no próprio Facebook. Identificamos os fatores que contribuem para o processo de escolha da imagem compartilhada e os processos individuais e sociais que circunscrevem as práticas de produção e compartilhamento da fotografia digital, procurando estabelecer uma relação entre a produção de memória e as autonarrativas.

Palavras-chave: Fotografia; Sites de Redes Sociais; Memória; Narrativa.

¹ Bacharela em Comunicação Social e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Email: jessicarneiro@alu.ufc.br

² Psicóloga, Doutora em Sociologia e Professora Associada do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Email: idilvapg@gmail.com

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

Muito tem-se tentado entender as novas dimensões do uso das imagens no universo cibernético, e com o mesmo esforço tenta-se também compreender questões como as mudanças nas performances sociais dos indivíduos no que tange ao uso da fotografia, em que se ressaltam os novos mecanismos de interação social, de autorrepresentação e de gerenciamento da imagem recorridos pelos produtores de fotografia digital e usuários dos sites de rede social.

As maneiras como os usuários da web começaram a utilizar a fotografia na rede imitavam o uso que já era feito fora dela: registrar momentos especiais, datas comemorativas, rituais de passagem e até mesmo autorretratos. A forma de armazenar esta imagem, porém, foi se modificando. As câmeras digitais, por sua vez, diferentes de sua era analógica, permitiam que as imagens, a partir de então, ficassem armazenadas no computador. De micropigmentos no papel fotográfico aos pixels da imagem virtual, reconfigurou-se a forma de salvar fotos que alteraria a partir dali a forma como nos relacionamos com as imagens.

Com a digitalização da imagem, as câmeras vêm permitindo tirar inúmeras fotos, sem preocupação com a quantidade de poses. Não apenas a facilidade de armazenar, mas também o manuseio simples do aparato (poder escolher que fotos serão guardadas ou apagadas no mesmo instante em que são produzidas) alteram a própria forma de pensar a fotografia. Com o advento da internet, além do poderoso fato de ter como selecionar imediatamente as imagens que permanecem ou não no registro, a possibilidade de compartilhá-las em rede fez com que as imagens ultrapassassem o campo da memória individual e do consumo doméstico, para habitar a memória de inúmeras outras pessoas.

Com a evolução dos aparatos tecnológicos – não apenas as câmeras fotográficas, mas computadores pessoais e posteriormente dispositivos móveis como *smartphones* e *tablets* –, a própria fotografia passa a ser produzida com a intenção de ser compartilhada senão imediatamente, num momento posterior muito breve. Esta nova forma de uso, ainda que pareça simples, modifica os já estabelecidos papéis da fotografia enquanto instrumento de documentação, de registro e de memória.

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

Com o hábito cada vez maior de compartilhar momentos vividos através de imagens – os sites de redes sociais e aplicativos móveis voltados para o compartilhamento de fotos são bons exemplos disso –, a função de “arquivar memória”, atribuída à fotografia durante muito tempo, perde sua primazia quando pensamos em seus usos na internet, de uma forma geral. Van Dijck (2008), porém, deixa-nos claro que a fotografia digital não erradicou a função de “guardar a memória” da câmera fotográfica, tão presente em sua era analógica. Pelo contrário: a função de “guardar” lembranças do passado reaparece na natureza interconectada e distributiva da fotografia digital. As câmeras, portanto, cada vez mais servem como ferramentas para mediar as experiências cotidianas, e menos para o registro única e exclusivamente de rituais e momentos cerimoniais. Seguindo estes moldes, os SRS se apresentam como um grande locus de investigação sobre como têm se efetuado os usos da fotografia.

A fim de compreender melhor os fenômenos acima descritos, foi necessária a escolha de um site de rede social, tendo em vista o recorte mais apurado do corpus de pesquisa. Escolheu-se o Facebook, pois justifica-se como o mais importante site de rede social atualmente no país, dada a sua supremacia em número de usuários registrados e acessos por usuários únicos (COMSCORE, 2015). A rede social virtual acumula um total de 78% do total de usuários únicos no Brasil, o que representa 58 milhões de visitantes únicos por mês. Em relação ao tipo de publicação no Facebook – que possibilita o compartilhamento de textos, imagens paradas e vídeos –, as fotografias ocupam o primeiro lugar no com 68% de todo conteúdo presente no Facebook – atrás ficam os links externos (26%), textos e vídeos (3% cada). Essas fotografias compartilhadas no Facebook geram um total de 83% de engajamento³ gerado por publicação, representando o maior tipo de performance online nesta rede.

Segundo dados da Comscore (2015), o Brasil ainda é líder global em relação a tempo gasto nos SRS, tendo um tempo médio de permanência nos sites de 60% maior do que a média mundial. O brasileiro dispende uma média mensal de 9,7 horas nas redes sociais

³ Por engajamento, entende-se o nível de interação entre um usuário e sua rede de contatos, que inclui total de curtidas, comentários, compartilhamentos entre outros.

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

virtuais. Além disso, estatísticas do Emarketer (2015) apresentam que a faixa etária que mais consome SRS no país reside na faixa etária de 18-24 anos (representando 54,4%) – seguidos dos usuários de 25-34 anos (29,8%). Tal representatividade indica que os jovens⁴ ainda são os grandes responsáveis pela volumosa presença nas plataformas virtuais de comunicação, movimentando e compartilhando diariamente conteúdos online.

Em suma, tentou-se neste trabalho, fruto da pesquisa de mestrado da primeira autora, mais especificamente, investigar: 1) os atuais usos da fotografia nos sites de redes sociais; 2) os novos efeitos que essa produção fotográfica contemporânea produz sobre a memória autobiográfica; 3) a maneira com que as memórias autobiográficas ativadas pela fotografia digital contribuem na elaboração de uma narrativa de si. Apontamos, assim, quais novos papéis a fotografia digital, no tangente aos ambientes virtuais, assume e como isso reconfigura a maneira como os sujeitos elaboram lembranças de si e concepções de quem são, e de quais outros artefatos eles se utilizam para fazer tais elaborações.

A imagem e a narração de si na era distributiva da memória

Ao perguntar-se o que tem a fotografia com o problema da memória, da narrativa e das novas mídias, é possível sim dizer que as pessoas começaram a se utilizar mais da fotografia por uma maior disponibilidade do aparato tecnológico no dia a dia, devido a sua popularização e barateamento. Com o avanço da tecnologia, cada vez mais pessoas tinham acesso às câmeras fotográficas, tornando seu uso massivo e ordinário. Porém, estudos antropológicos (BAITELLO JR, 2005) sugerem que desde os primórdios da humanidade, o homem tem se utilizado da imagem não apenas para documentar sua existência – pensemos, por exemplo, nos ideogramas descobertos nas cavernas –, mas para comunicar-se e dar significado às coisas, às outras pessoas e a si.

Logo, tais estudos parecem sugerir que a imagem sempre esteve ali como um instrumento de linguagem do homem, antes mesmo da invenção do primeiro alfabeto. Dito

⁴ O enquadramento desta faixa etária na categorização de “juventude” segue a classificação por fases da vida empregada nas pesquisas desenvolvidas pelo Instituto Brasileiro de Geografias e Estatística (IBGE).

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

isto, somos levados a acreditar que a fotografia, desde sua invenção, vem cumprindo um papel de atribuir sentido à existência, perdurar a memória (tanto individual quanto coletiva) e comunicar alguma mensagem, seja de qual ordem for.

A fotografia digital pôde, assim, ser muito mais facilmente armazenada e conservada e compartilhada logo após a sua produção – um recurso não disponível pela fotografia analógica. Mas o que isso quer dizer quanto à forma como compreendemos o mundo e a nós mesmos? É possível perceber uma interdependência entre a forma de pensar o mundo, de articular os tempos “passado-presente-futuro” e estes recursos tecnológicos. A fotografia, portanto, se faz pensamento à medida que não apenas se condiciona aos conceitos que giram em torno dela; ao contrário, “impõem condições à percepção, ao saber e ao conhecimento” (REIS FILHO, 2013, p. 1).

Deste modo, nesta interface entre memória e imagem, é preciso conceituar o que aqui foi chamado de *memória autobiográfica*, abandonando a antiga concepção de memória enquanto mera “arquivadora do passado”, numa analogia a uma caixa de sapatos onde se depositam lembranças antigas e que em algum momento serão revisitadas. As atuais abordagens da memória, por sua vez, passam a considerar não somente a memória como produto de uma habilidade neurocognitiva do indivíduo, que independa de outrem para existir; consideram-se também os atos de experienciar e lembrar-se em um contexto social de interação (WANG; BROCKMEIER, 2002). Em outras palavras, esta memória autobiográfica se produz também a partir das relações sociais. Dessa forma, a cultura exerce um importante papel de remodelar as funções psicológicas tanto interpessoais quanto intrapessoais, manifestando-se através das ações, pensamentos, emoções e crenças dos indivíduos e principalmente do ato de lembrar-se.

A *memória autobiográfica* – ou a memória de si – pode ser desenvolvida a partir da história de vida ou de episódios da história de vida de um indivíduo. Nas culturas ocidentais, sobretudo, relacionamos o ato de contar tais histórias pessoais à manifestação direta da memória autobiográfica, que a todo o tempo produz nossas concepções de passado, e que é utilizada para falar sobre “quem se é” – expressar o “eu” ou uma “identidade” (WANG;

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

BROCKMEIER, 2002). Neste sentido, parece haver uma íntima relação entre o que se relata sobre si e quem se acredita ser, na qual a memória desempenha o papel fundamental de articulação entre os eventos passados – “registrados” na memória –, os quais acreditamos que nos levaram a ser quem somos hoje, e a percepção de quem somos. Este cruzamento entre esta percepção de quem se é – a que nos referiremos como “expressão do *eu*” – e narrativa de si são fundamentais para compreender o que se entende, neste trabalho, por memória autobiográfica.

Discute-se sobre a circunscrição da fotografia dentro dos novos ambientes digitais, tomando como espaço de discussão e estudo o Facebook, com vistas a compreender melhor como as novas modalidades de fotografia operam na construção da memória, além da elaboração de outros sentidos. Dito isto, é importante ressaltar que as experiências na construção de subjetividade no contemporâneo, sob o âmbito da fotografia, têm mudado substancialmente na transição entre a fotografia analógica e a digital.

Desta maneira, este estudo se propõe a estudar como as fotografias compartilhadas online atuam sobre a produção de *memórias autobiográficas*, com efeitos sobre as atuais formas de narração autobiográfica. Em outras palavras, procurou-se entender como as novas formas de fazer imagens digitais (principalmente aquelas que são produzidas para serem compartilhadas) operam na forma como os usuários “guardam lembranças” e usam a fotografia para construí-las, forjando concepções de passado-presente-futuro a partir da imagem que foi midiaticizada – ou seja, publicada nos sites de redes sociais (SRS). Além disso, investigou-se como essas novas maneiras de registrar os eventos pelo aparato fotográfico atuam sobre a fabricação das atuais narrativas de si, as quais discorre-se a seguir.

Sobre o Método

De tipo exploratório e analítico, a pesquisa a que se remonta este trabalho se propõe a entender como as fotografias digitais de cunho pessoal compartilhadas no Facebook atuam na construção da memória autobiográfica, com efeitos sobre as atuais formas de narração de si. O trabalho divide-se em duas etapas: 1- Seleção dos informantes e geração de dados e 2-

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

Análise dos dados. Para fins de análise no presente artigo, trouxemos uma imagem de um dos 31 participantes selecionados, mediante questionário, que atenderam aos seguintes critérios: a) usuário cadastrado no Facebook, b) ter entre 18-24 anos, c) ter pelo menos 3 fotografias publicadas na rede. Os três critérios justificam-se porque: 1) o Facebook é o mais importante site de rede social atualmente no país (Comscore, 2015); 2) a faixa etária de 18-24 anos é a que mais despende tempo no Facebook, representando 54,4% do total, segundo estatísticas do Emarketer (2015); 3) as fotografias são o tipo de conteúdo mais veiculado na rede social, com 68% de tudo o que é publicado. O instrumento aplicado a esses sujeitos consistiu em um questionário semiestruturado digital contendo questões sobre 1) hábitos e contextos da produção fotográfica digital e 2) relações entre a fotografia digital e a memória autobiográfica, no contexto dos SRS.

Visto que este estudo qualitativo não busca representatividade amostral, a escolha dos 31 participantes (para codificação e análise de imagens) justificou-se como recorte do *corpus* intencional e por conveniência, dado o baixo número de pesquisadores disponíveis para contribuir com a pesquisa, bem como as limitações de tempo para coleta e tratamento dos dados.

O questionário dividiu-se em seções reunindo conjuntos de itens agrupados em torno de certo tópico. Na seção “Seleção de fotografias”, os usuários selecionados foram convidados a deixar o link (ou seja, o endereço eletrônico) de 3 fotos publicadas em seu perfil que eles julgaram mais terem gostado de compartilhar e que representassem uma lembrança estimada. Na seção “Narrativas”, os participantes foram solicitados a falar quaisquer aspectos sobre a imagem escolhida, quer fossem descritivos ou afetivos. Nas seções “Motivações de compartilhamento e produção de memória” e “Sentimentos evocados”, tentamos entender, respectivamente, as possíveis motivações que levaram os usuários a compartilharem aquelas fotografias no Facebook bem como os sentimentos evocados por aquelas fotografias. Todas as categorias e seções de análise foram previamente estabelecidas e foram baseadas nos achados da etapa piloto, realizada antes do ingresso em campo (Carneiro, 2016).

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

Com esta divisão em seções, procuramos respectivamente: 1) identificar os sujeitos que se encaixam em nosso recorte do *corpus* empírico; 2) compreender em que medida os usuários se utilizam das fotografias para construir versões sobre si e sobre sua trajetória, identificando como a imagem pode contar sobre sua história ou parte dela a partir das memórias autobiográficas construídas a partir da plataforma digital.

O questionário foi estruturado e aplicado digitalmente através da ferramenta “formulários” do *Google Docs*, posteriormente disponibilizado de forma pública através da publicação do link nos canais de divulgação. Para tornar o formulário público e obter o número mínimo de 31 informantes, o instrumento foi aplicado estritamente pela internet e amplamente divulgado no perfil pessoal da primeira autora no Facebook, em grupos do Facebook que acolhem pesquisas acadêmicas semelhantes, por e-mails dos contatos conhecidos de âmbito acadêmico e profissional e, enfim, por listas de discussões de e-mail.

No caso dos usuários não pertencentes à rede de contatos da pesquisa, foi-lhes pedido que alterassem o modo de exibição das fotos compartilhadas para “público”, permitindo que a pesquisa fosse realizada mesmo na ausência de um “convite de amizade” do Facebook. Dessa forma, concluímos ser uma maneira mais próxima de abordar os possíveis participantes, sem que tivessem sua privacidade invadida. A única condição proposta aos participantes era responder às perguntas até o final do questionário e permitir que suas fotos fossem analisadas para fins de pesquisa.

Antes de responderem ao questionário, os interessados concordaram com o termo de consentimento livre esclarecido constante no próprio instrumento, através de um link que direcionaria o usuário ao documento referido. Apenas foram utilizados os questionários em que o colaborador deu o aceite neste procedimento. As respostas coletadas neste questionário foram devidamente cruzadas e analisadas com o objetivo de entender algumas percepções dos participantes acerca da produção de fotografia compartilhada no Facebook. O instrumento ficou disponível do dia 12 de dezembro de 2015 a 21 de janeiro de 2016, totalizando 6 semanas.

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

Após o encerramento da aplicação dos questionários, foi iniciada a segunda etapa, de análise das fotografias pessoais no Facebook dos colaboradores, em que foram colhidas todas as fotografias disponibilizadas no formulário que estavam na forma pública, resultando no total de 76 imagens (17 imagens não puderam ser coletadas, pois não estavam no modo de visualização pública ou tinham o link corrompido quando foi feita a coleta). Foram realizadas algumas tentativas de contato através de mensagem no Facebook com os usuários cujas imagens não foram coletadas, porém todas sem sucesso.

Depois de colhidas as 76 imagens, codificamos as fotografias nesta etapa segundo 3 planos de análise: plano 1 (conteúdo e composição, isto é, os elementos que compõem a fotografia a fim de fornecer um panorama geral de conteúdo, descrevendo a partir de temas e *tags* as fotografias disponibilizadas), plano 2 (análise da correspondência entre as imagens e o texto dissertativo atribuído a cada uma delas e análise da intencionalidade da imagem) e plano 3 (análise de semelhanças e distanciamentos entre as fotografias, isto é, como se aproximam e se distanciam em termos de conteúdo, de composição e de intenção).

Em relação aos aspectos éticos da pesquisa, seguimos as recomendações relacionadas à pesquisa com seres humanos, de acordo com os princípios éticos contidos na Resolução nº 466/2012, com as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas envolvendo Seres Humanos, do Conselho Nacional de Saúde. Antes de iniciada a etapa de campo, a pesquisa foi submetida ao Conselho de Ética através da Plataforma Brasil, obtendo parecer favorável sob número 1.353.979 no dia 7 de dezembro de 2015. Ao fazer adesão aos preceitos éticos expressos no marco regulatório supracitado, atendemos aos quatro referenciais básicos da bioética: autonomia, beneficência, não maleficência e justiça.

Buscou-se contemplar a autonomia através do esclarecimento da voluntariedade da pesquisa, da possibilidade de desistência a qualquer momento e abster-se de responder quando assim lhe conviesse. Utilizamos o Termo de Consentimento e Livre Esclarecido (TCLE), autorizando a participação voluntária na pesquisa, após explicação precisa em linguagem acessível sobre os objetivos da pesquisa.

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

Fotografia de hoje, imagem do amanhã: narrativas de si na relação com a imagem

Antes de introduzirmos os achados da pesquisa, sintetizados neste trabalho, esclarecemos que, dados os limites de espaço, optamos por discutir apenas alguns achados da no que diz respeito às “narrativas de si na relação com a imagem”. Escolhemos do *corpus* uma imagem composta a partir de uma colagem feita de 5 fotografias disponibilizadas na pesquisa para discutir de que forma as contingências e os valores sociais vigentes moldam e normatizam o tipo de recordação que privilegiamos manter, que corrobora achados da literatura.

Interessou-nos falar, aqui, sobre a forma com que os respondentes correlacionavam as fotografias e as lembranças decorrentes e os fatores que os impulsionaram a publicá-las no Facebook, permitindo-nos analisar as principais temáticas abordadas na imagem em SRS – levando em conta esse recorte de pesquisa –, e de que maneira narrativas autocentradas e narrativas mestras se cruzam nessa composição autoral e coparticipativa.

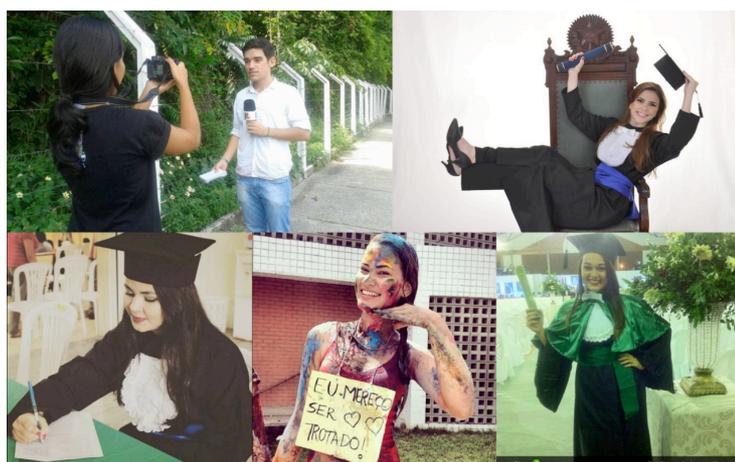


Figura 1 - Colagem com fotos agrupadas pelo tema *carreira/profissão*.

Fonte: acervo próprio. Imagens coletadas durante a construção de dados da pesquisa.

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

A imagem acima mostra o grande tema da *carreira/profissão*⁵ presente nas fotografias publicadas no Facebook. A tinta fresca do calouro que acaba de ingressar e o microfone do jornalista são símbolos de uma trajetória que está sendo trilhada com muita dedicação. A bata e a cerimônia de conclusão de curso traduz a *satisfação/orgulho* – sentimentos muito identificados às imagens que tematizam *carreira/profissão* – e que, claro, sintetizam uma das maiores vitórias conquistadas pelos jovens de 18-24 anos. O relato de um dos colaboradores sumariza este sentimento, ao descrever o que essa foto e aquele momento significou:

Essa foto retrata *um dos dias mais felizes da minha vida, a concretização de um sonho!* O dia da tão esperada por mim e meus familiares, minha formatura. Nesse dia estava muito feliz, pois finalmente consegui, a partir desse dia podia dizer que era enfermeira (Colaborador, 2015; grifo nosso).

Tanto a carreira quanto o exercício da profissão estão entre os aspectos do curso de vida individual bastante tematizados nas imagens compartilhadas no Facebook. Isto se deve ao fato de a fotografia, enquanto recurso narrativo, ser capaz de captar de falar não apenas sobre como nos vemos hoje, mas de que maneira queremos ser reconhecidos, além de revelar projeções sobre quem somos e quem pretendemos ser (RIBEIRO, 2009). Conforme aponta Roberts (2011), ao sermos convocados a narrar nossas fotografias – ou seja, falar quais impressões de passado temos a partir de uma ou várias imagens –, podemos assumir diferentes formas de falar sobre ela, sendo não necessariamente de uma forma sempre sequencial, linear e cronológica. A cada vez que somos chamados a reviver uma experiência passada através de uma foto, acessada pelo relato narrativo, reconfiguramos nossas próprias noções de passado e de nós mesmos.

Assim, entendemos que a fotografia, ao mesmo tempo que inventiva e autoral, também repete e reproduz modelos de vida que devam ser perpetuados, copiados, (re)fabricados, multiplicados e distribuídos (ECKERT; ROCHA, 2001). Assim, os registros fotográficos a que temos acesso hoje e que atuam na manutenção e construção da memória visam produzir formas de guardar o passado específicas, que retratam um *ethos*

⁵ As categorias *carreira/profissão* compunham o questionário digital enviado aos pesquisados, e foi previamente pensada antes da aplicação do instrumento. Tais categorias emergiram durante a pesquisa piloto, em que temas de carreira e profissão despontavam entre as imagens analisadas.

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

marcadamente contemporâneo. Não precisamos ir muito distante: basta pensarmos que tipos de fotografia escolhemos guardar em um álbum de família ou pendurar na parede, e quais fotografias elegemos para representar aquilo que acreditamos ser, ou que valores prezamos.

As fotografias pessoais – parece-nos claro – tentam comunicar uma experiência, contar uma história de um momento específico, seja de uma comunidade inteira ou do trajeto individual de vida, como já previu Van Dijck (2007). Apostamos que a fotografia, em alguma instância, opera nos processos de significação, isto é, nos significados que os sujeitos conferem a um dado acontecimento, como também produz um tipo de memória peculiar.

Na articulação do tempo no ato narrativo (passado presente e futuro), recorremos à memória pra construir uma percepção de “quem somos” e de eventos e ocorridos que perpassam nossa existência. Essa construção de uma narrativa sequencial, linear e temporal só é possível pelas memórias que “armazenamos” durante nosso percurso. Sempre que contamos uma história sobre quem somos ou sobre uma história de nossa vida, recorremos a eventos passados pra criar versões de presente e de quem somos.

Mas, além disso, ao mesmo tempo em que mediam experiência e comunicam existência, as fotografias nos SRS – conforme analisadas neste recorte – atuam também numa “filtragem” de imagens, e portanto de recordações, que vão além de uma seleção individual daquilo que deliberadamente decidimos guardar de nosso passado. Existe um entrelaçamento forte entre a forma como escolhemos produzir memórias e o contexto histórico e sociocultural – neste *métier*, incluímos os valores reforçados pelas imagens como o sucesso profissional mostrado anteriormente – mais amplo que rege a lembrança a ser “guardada”. Isto é, existem formas de se “guardar o passado” e valores sobre o que deve ser lembrado e esquecido, construídos ao longo da história, que operam fortemente na maneira como registramos eventos e ocorridos.

A construção da *memória autobiográfica* é dada não apenas na negociação entre indivíduos e seu contexto social imediato (pais, colegas ou outras pessoas significativas), mas também – e igualmente importante – entre o indivíduo e seu meio sociocultural mais amplo (WANG; BROCKMEIER, 2002; RIBEIRO, 2009). Van Dijck (2007) chama estas pré-

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

configurações que “normatizam” os moldes da memória de *molduras culturais*, as quais atuam – conscientemente ou não – sobre nossas intenções de uso do que foi registrado e que remodelam nossas decisões do que registrar.

Para finalizar, optamos por compreender a imagem fotográfica como um agente mediador de experiências e de relações sociais, que implica uma influência não apenas no campo estético ou plástico, mas na organização de experiências, no recesso a momentos passados e, sobretudo, na construção de memória e narrativa (SIBILIA, 2008; ROBERTS, 2011). Objetivamos esclarecer que tanto memória quanto as novas plataformas digitais fornecem não um caminho de acesso passivo – ou seja, sem resistências – à uma “interioridade”; ao contrário, elas influenciam diretamente a maneira como moldamos nossas percepções de passado-presente-futuro, bem como nossas percepções de *eu*.

Desta sorte, as lembranças ativadas pela fotografia digital contribuem na elaboração de uma narrativa de si, e acrescentamos: as fotos coletadas neste estudo pareciam negociar modos de falar sobre si inspirados não apenas na história de vida individual dos jovens pesquisados, mas perpassados de modos de ver(-se), ser e sentir predominantes e hegemônicos.

Em suma, este trabalho vem muito mais como uma provocação e um incentivo a uma reflexão crítica não apenas dos usos da imagem, mas a forma como a compreendemos e a circunscrevemos historicamente, com o objetivo último de trazer ao debate as práticas mais cotidianas e ordinárias com a percepção aguçada de que existem camadas invisíveis da imagem que aguardam ganhar opacidade, a fim de que sejam discutidas e repensadas.

Referências

BAITELLO JUNIOR, Norval. A sociedade das imagens em série e a cultura do eco. **F@ro: revista teórica del Departamento de Ciencias de la Comunicación**, n. 1, p. 411-426, 2005.

CARNEIRO, J. S. **Fotografia e memória autobiográfica no facebook: narrativas de si mediadas pela imagem**. 2016. 146 f. Dissertação (mestrado em Psicologia) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. Disponível em <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/17700>>. Acesso em julho de 2016.

12^o interprogramas de mestrado Faculdade Cásper Líbero

COMSCORE. **Brazil Digital Future in Focus 2015**. 2015. Disponível em <<https://www.comscore.com/por/Imprensa-e-eventos/Apresentacoes-e-documentos/2015/2015-Brazil-Digital-Future-in-Focus>>. Acesso em setembro de 2015.

ECKERT, C.; DA ROCHA, A. L. C. Imagem recolocada: Pensar a imagem como instrumento de pesquisa e análise do pensamento coletivo. **Iuminuras**, v. 2, n. 3, 2001.

EMARKETER. **In Brazil, Social Media Is for the Young - Younger millennials account for more than half of social media site visitors**. 2015. Disponível em <<http://www.emarketer.com/Article/Brazil-Social-Media-Young/1012089>>. Acesso em setembro de 2015.

REIS FILHO, O. G. Estética da Fotografia: um diálogo entre Benjamin e Flusser. In: **Journal of Flusser Studies**, n. 15, 2013. Disponível em <<http://www.flusserstudies.net/sites/www.flusserstudies.net/files/media/attachments/osmar-goncalves-a-estetica.pdf>>. Acesso em agosto 2013.

RIBEIRO, J.C. *The increase of the experiences of the self through the practice of multiple virtual identities*. **PsychNology Journal**, v.7 (3), n.3, p. 291-302, 2009. Disponível em <[http://www.psychology.org/File/PNJ7\(3\)/PSYCHNOLOGY_JOURNAL_7_3_RIBEIRO.pdf](http://www.psychology.org/File/PNJ7(3)/PSYCHNOLOGY_JOURNAL_7_3_RIBEIRO.pdf)>. Acesso em agosto de 2015.

ROBERTS, B. *Interpreting photographic portraits: Autobiography, time perspectives, and two school photographs*. **Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research**, v. 12, n. 2, 2011.

SIBILIA, P. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

VAN DIJCK, J. *Digital photography: communication, identity, memory*. **Visual Communication**, 2008. p. 57-76. Disponível em <<http://vcj.sagepub.com/content/7/1/57>>. Acesso em novembro de 2014.

VAN DIJCK, J. **Mediated memories in the digital age**. Stanford University Press, 2007.

WANG, Q.; BROCKMEIER, J. *Autobiographical remembering as cultural practice: Understanding the interplay between memory, self and culture*. **Culture & Psychology**, v. 8, n. 1, p. 45-64, 2002.